

A Evolução sócio-política do Israel pré-estatal: Uma tentativa de reconstrução histórica de vários textos do período, inclusive o Cântico de Débora

Robert A. Butterfield

"Cadê a hermenêutica da suspeita?"

O provocante artigo de Carlos Dreher, intitulado "A formação social do Israel pré-estatal: uma tentativa de reconstrução histórica do Cântico de Débora"⁽¹⁾, oferece uma explicação penetrante e detalhadíssima dos acontecimentos narrados por este cântico. Teria sido ainda melhor, no entanto, se o leitor tivesse sido advertido de que o texto hebraico deste cântico é muito corrupto, e assim qualquer hipótese baseada só ou em grande parte na interpretação deste cântico não pode deixar de ser duvidosa. Por causa desta corrupção textual, como também por outras razões, conviria levar em conta o testemunho de vários outros textos datados também para o período dos Juízes, com o propósito de verificarmos se estes outros textos corroboram ou não a hipótese adiantada neste artigo. Além disso, vale a pena notar que a reconstrução histórica deste artigo é sincrônica, antes que diacrônica, e por isso não nos permite ver realmente como os acontecimentos descritos neste cântico fazem parte da história de Israel. Isto é, este artigo ter-se-ia beneficiado de um enfoque mais amplo em vários sentidos. Tentarei ampliar o foco.

Primeiro, quero assinalar alguns pontos específicos com respeito à corrupção textual do Cântico de Débora. No v. 2, a palavra hebraica que este artigo traduz por "povo" significa também "exército", "guarnição" e "habitantes". O que é que o leitor pode concluir do fato deste artigo dar preferência a uma tradução que, pelo menos em português moderno, está ideologicamente carregada? Ao que parece, somos convidados

(1) Cf. Estudos Teológicos. São Leopoldo, 26 (2): 169ss, 1986.

a acreditar que o Cântico de Débora seja de certo modo literatura de cordel, que os camponeses do Israel pré-estatal estivessem então alfabetizados, que até criassem textos religiosos por e para si, e que tomassem a iniciativa de guerrear. É claro que um Israel pré-estatal assim constituído nada teria com a sociedade agrária tal como conhecida pela antropologia. No entanto, seria interessante que o leitor pouco familiarizado com os estudos vétero-testamentários soubesse que desde a aparição da monografia "Israel and the Gods" de Bertil Albrektson nos anos sessenta, tem sido mais ou menos impossível sustentar que Israel seja um caso sem precedente, não se enquadrando nos padrões estabelecidos pelas ciências sociais. Com efeito, desde então passa a ser cada vez mais difícil falar num Israel tal como este artigo o imagina. O Israel pré-estatal ou estatal era uma sociedade agrária. Isto é inegável. Numa sociedade agrária, porém, os camponeses, que constituem aproximadamente 90% da população, não lêem nem escrevem e decerto não criam textos religiosos nem chefiavam exércitos. Além do mais, são muito cautelosos, esforçam-se por evitar os riscos, têm uma grande capacidade de tolerar a opressão, e não são organizados entre si. Ao invés, em Israel, como em qualquer sociedade agrária, era claramente a classe dominante que lia, escrevia, comandava a religião e chefiava as forças armadas. Se os camponeses israelitas participavam de atividades bélicas, o que normalmente não era o caso, aliás, deviam ter um papel bem humilde, pois, como é bem sabido, só os ricos podiam dar-se ao luxo de se equipar para o combate.

No v. 9, este artigo altera o texto, pondo entre aspas a palavra "comandantes". Devemos então crer que o exército israelita não tivesse comandantes, no sentido normal do termo? Isto seria, porém, completamente contrário ao que dizem os antropólogos quanto às sociedades agrárias. Além disso, vários textos bíblicos datados para o período dos Juízes indicam claramente que os líderes israelitas provinham geralmente da classe dominante. Antes de citarmos tais exemplos, assinalemos que o próprio Cântico de Débora descreve os líderes israelitas em termos que significam exatamente isso. O fato destacado por este artigo, de que estes termos específicos não mais eram utilizados no período seguinte, não justifica a alteração por ele sugerida, sobretudo porque se passaram sete séculos entre a publicação do Cântico de Débora e a redação da história deuteronomística. Seria, de fato, muito surpreendente se os mesmos termos tivessem continuado sendo utilizados por tanto tempo depois do surgimento do Cântico de Débora. Seja como for, eis vários exemplos provenientes do período dos Juízes: antes mesmo de passarem a ser Juízes, Jeftah já era um chefe (Jz 11.1) e possuía seu próprio exército parti-

cular (Jz 11.1, 3); Gideão possuía dez servos (Jz 6. 27), e Jair era um latifundiário (Jz 11. 4). Torna-se óbvio, então, que os líderes israelitas no período dos Juízes faziam parte de uma classe dominante.

No v. 11, a palavra que este artigo traduz por "camponeses" é, de fato, pouco inteligível. LXX a omite, provavelmente por isso. Conforme dizem os especialistas Brown, Driver e Briggs, esta palavra significaria ou "população rural" ou "chefes, comandantes". Devemos acreditar que a população do Israel pré-estatal fosse constituída apenas por camponeses e desse modo não estratificada? No entanto, os textos bíblicos já citados apresentam muitos sinais de estratificação, o que, aliás, é bem sabido⁽²⁾. O próprio artigo de Dreher reconhece que havia diversificação nas relações sociais do Israel pré-estatal. Afinal de contas, então, não há nenhuma razão de se supor que o Israel pré-estatal não fosse estratificado e que as forças armadas israelitas no período dos Juízes não fossem chefiadas por comandantes verdadeiros. Com efeito, os líderes israelitas provinham, via de regra, da classe dominante.

Com o propósito de ampliar o foco antropológico, cabe primeiro perguntar-nos se o Israel pré-estatal tinha ou não as características de uma sociedade igualitária, pois Dreher e Gottwald, entre muitos outros, afirmam que sim. Felizmente, a sociedade igualitária é bem conhecida pelos antropólogos, que a consideram uma etapa primitiva na evolução política possuindo uma série de características, acerca das quais os antropólogos estão mais ou menos de acordo.

A sociedade igualitária define-se como uma sociedade que tem tantas posições de prestígio em qualquer grau de idade e sexo quantas sejam as pessoas capazes de ocupar estas posições. Isto é, trata-se de uma sociedade que não possui meios de limitar o número de pessoas no poder, como também não precisa de uma ordem de dominação, porque as diferenças entre membros são efêmeras.

São as seguintes as características desta sociedade:

- 1) Possui um meio-ambiente físico de escasso valor agrícola, de modo que o retorno de calorias em troca da energia gasta no seu ambiente é mínimo.
- 2) Tem uma população em declínio.
- 3) Depende de fontes naturais de alimentos.
- 4) Possui poucas armas e ferramentas.

(2) V. por exemplo, Martin Buss, "A Review of the Tribes of Yahweh". **Religious Studies Review**, n. 6, October 6, 1980, p. 276s; ou Brevard Childs, **Old Testament Theology in a Canonical Context**, Philadelphia: Fortress Press, 1986, p. 177-87.

- 5) É sociedade de caça e pesca.
- 6) Seu modo dominante de distribuição econômica é a reciprocidade, de maneira que o indivíduo dispõe de poucas possibilidades de livre decisão econômica.
- 7) O conflito com respeito à terra, água, alimentos ou armas é mais ou menos desconhecido porque todos dispõem de tais coisas.
- 8) O roubo não existe.
- 9) As atividades militares refletem uma ausência completa de comando e coordenação.
- 10) O comando baseia-se na autoridade e tem pouco a ver com o poder.
- 11) O raio de ação do poder é limitado a pequenos grupos tais como famílias, ficando o chefe incapaz de constranger a obediência daqueles que estão fora deste pequeno grupo.
- 12) É uma sociedade exógama.

O leitor familiarizado com a história de Israel reconhecerá logo que este não possuía tais características. Mas, para sermos meticolosos, procederemos como se isto não fosse evidente.

- 1) Canaã em geral, e, sobretudo, a região montanhosa onde morava o Israel pré-estatal mais primitivo, constitui um meio-ambiente desprovido de fontes naturais de alimentos, tendo igualmente escasso valor agrícola. Ao mesmo tempo, porém, o território de Canaã é pequeno, enquanto que o território de uma sociedade igualitária é sempre vasto.
- 2) Como o período dos Juízes levou à formação do estado, e como Gottwald, Mendenhall e outros sustentam que o Israel pré-estatal atraía muita gente, seria difícil afirmar que este tinha uma população em declínio.
- 3-4) O Israel pré-estatal, quer das montanhas, quer da planície, era de certo agrário e dispunha de armas e ferramentas.
- 5) Não era uma sociedade de caça e pesca.
- 6) Conforme Gottwald, os membros do Israel pré-estatal possuíam uma grande liberdade econômica.
- 7-8) Tanto o Livro da Aliança como o Decálogo Eloístico, ambos datados para o período dos Juízes, pressupõem a existência de propriedade privada e levam o roubo muito a sério.
- 9) As atividades militares do Israel pré-estatal refletem pelo menos um mínimo de comando e coordenação, como se deduz do fato de o exército israelita ser dividido em companhias (v. Jz 7.16; 9.34).
- 10-11) O poder dos Juízes estendia-se para muito mais além do que pequenos grupos sociais, como se deduz do fato de os Juízes reivindicarem

e obterem despojos enormes (v. Jz 8.26) e permanecerem no seu cargo oficial muito tempo depois de suas vitórias militares (v. Jz 8.32; 9.22; 10.2; 10.3; e 12.7); portanto, a autoridade dos Juízes não era nada desprovida de conotações de poder. Não esqueçamos também o fato de que os Juízes geralmente provinham da classe dominante.

- 12) Gottwald demonstra que o Israel pré-estatal não era exógamo⁽³⁾. Pode ser que alguns antropólogos ainda disputem entre si sobre tal ou tal característica, mas deve-se admitir que, à luz dos fatos acima mencionados, seria muito difícil sustentar que o Israel pré-estatal fosse uma sociedade igualitária. Ele não só não tem as características de tal sociedade, como também, conforme textos bíblicos dados para este período, apresenta muitos sinais de estratificação social, o que até Dreher e Gottwald teriam de considerar como decisivo.

Percebendo que o Israel pré-estatal não poderia de modo algum ser chamado igualitário, deveríamos perguntar se era, antes, uma sociedade hierárquica, que representa a próxima etapa na evolução política. A sociedade hierárquica define-se por ser dotada de meios de limitar o acesso de seus membros a posições de alta categoria.

São as seguintes as características de uma sociedade hierárquica:

- 1) É situada em áreas remotas dos centros de desenvolvimento cultural complexo e possui um habitat relativamente empobrecido.
- 2) Em contraste com a sociedade igualitária, tem mais habitantes, com uma maior densidade de população e uma maior incidência de guerra.
- 3) Seus membros são empregados em trabalhos que correspondem à sua idade e sexo, porque a posição não dispensa um membro de trabalhar.
- 4) O processo mais importante de integração econômica é a redistribuição (em contraste com a troca recíproca) que se realiza ao nível da vila, onde o chefe cobra uma parte do excedente da comunidade e a redistribui aos necessitados.
- 5) As vilas são, via de regra, grandes e autônomas.
- 6) O parentesco, por mais importante que seja em outros tipos de sociedade, possui maior importância na sociedade hierárquica.

(3) V. *The Tribes of Yahweh*, p. 315.

- 7) À medida que a formação hierárquica se cristaliza, indivíduos de alta categoria participam cada vez menos do trabalho básico produtivo.
- 8) A autoridade é regular e repetitiva, estendendo-se a muitos aspectos da vida social.
- 9) Indivíduos de alta categoria beneficiam-se, via de regra, de uma alta posição religiosa também, sobretudo em sociedades dominadas por organização segundo a linhagem.
- 10) Em contraste com a sociedade igualitária, a sociedade hierárquica experimenta muito mais conflito interpessoal, devido em grande parte à acumulação de bens, a qual constitui um modo de validar distinções de categoria.
- 11) Conformidade com as normas efetua-se mediante doutrinação e reforço ideológico, de modo que o controle social consista na infusão ritual de normas e na força da opinião pública.
- 12) A sociedade hierárquica baseia-se em vilas autônomas, e a aglomeração é rara.
- 13) Enquanto que a sociedade igualitária vagueia e se acampa dentro de grandes territórios, a sociedade hierárquica é sedentária e demograficamente densa.
- 14) A sociedade hierárquica continua muitas vezes a manter arranjos econômicos do tipo igualitário, limitando assim o poder econômico dos indivíduos de alta categoria.
- 15) A sociedade hierárquica reforça os vínculos de parentesco, canalizando-os numa estrutura hierárquica onde a estratificação pode enraizar-se e crescer. E, finalmente,
- 16) a sociedade hierárquica promove muitas atividades sociais como festas, reuniões e cerimônias, todas baseadas na hospitalidade organizada.

Cabe primeiro notar que o Israel pré-estatal conforma-se à definição de sociedade hierárquica, por limitar o acesso de seus membros a posições de alta categoria. Isto se vê claramente no fato de os Juízes provirem geralmente da classe dominante e de Jael não ocupar uma alta posição no exército israelita, apesar de possuir evidentemente muitos atributos da chefia militar. O exemplo de Jael mostra muito bem a diferença maior entre a sociedade hierárquica e a igualitária, porque nesta última Jael teria sido por certo um chefe militar, por causa de sua coragem e ousadia, enquanto que na sociedade hierárquica do Israel pré-estatal não passou de uma dona de casa ou, mais propriamente, de tenda.

Agora vejamos se o Israel pré-estatal tinha ou não as características de uma sociedade hierárquica:

- 1) O que constituía a maior proteção do Israel pré-estatal nas montanhas de Canaã era o próprio afastamento dos grandes centros culturais. Além disso, o habitat deste Israel era empobrecido.
- 2) A população crescente do Israel pré-estatal, mais ou menos limitado à região montanhosa, implica uma certa densidade de população, embora não suficiente para causar competição pela terra⁽⁴⁾.
- 3) Como o período desde Débora até Saul foi cheio de atividades bélicas, pode-se dizer que o Israel pré-estatal tinha uma elevada incidência de guerra.
- 4) Como evidencia o exemplo dos Juízes, o Israel pré-estatal parece ter dispensado certos indivíduos de trabalhar por ocuparem posições de alta categoria (serem ricos).
- 5) Com respeito à redistribuição do excedente pelo chefe de vila, nenhum texto datado para o período dos Juízes fala nisso.
- 6) As vilas do Israel pré-estatal eram provavelmente autônomas, por serem afastadas umas das outras como também dos territórios estrangeiros, e pelo fato de as atividades dos Juízes envolverem tão poucas tribos⁽⁵⁾.
- 7) O parentesco parece ter sido sumamente importante no Israel pré-estatal, o que se vê no fato de várias genealogias israelitas provirem do período dos Juízes e se conformarem aos padrões conhecidos pela antropologia⁽⁶⁾. Além disso o sistema legal israelita, proveniente ele também do período dos Juízes, era baseado no parentesco⁽⁷⁾.
- 8) O exemplo dos Juízes indica claramente que a autoridade no Israel pré-estatal era regular e repetitiva e se estendia além do próprio trabalho para incluir outros aspectos da vida.
- 9) Parece que os indivíduos de alta categoria no Israel pré-estatal ocupavam também altas posições religiosas, pois os Juízes eram carismáticos.
- 10) Como o Livro da Aliança, datado para o período dos Juízes, se dedica em grande parte a casos de conflito interpessoal, este último deve ter sido freqüente.

(4) V. David C. Hopkins, **The Highlands of Canaan**, Decatur, GA: Almond Press, 1985, p. 163-170.

(5) V. A. Alt, **Essays on Old Testament History and Religion**, Oxford: Blackwell, 1966, p. 168-69 e 175-76.

(6) V., p. ex., Robert R. Wilson, **Genealogy and History in the Biblical Word**, New Haven: Yale University Press, 1977, p. 193-95.

(7) V. H.J. Boecker, **Law and the Administration of Justice in the Old Testament and the Ancient Near East**, Minneapolis: Augsburg, 1980, p. 28-30.

- 11) Quanto aos meios de conseguir conformidade com as normas, os textos bíblicos deste período não dão um testemunho claro.
- 12) Mesmo considerando-se que o Israel pré-estatal conservava arranjos econômicos igualitários, é evidente no exemplo dos Juizes que tais arranjos não conseguiram limitar o poder econômico dos indivíduos de alta categoria.
- 13) É difícil saber se a estratificação se desenvolveu em conseqüência de os laços de parentesco serem canalizados numa estrutura hierárquica, porque o Cântico de Débora, texto bíblico muito primitivo, já apresenta sinais de estratificação antes mesmo de sabermos algo sobre os laços de parentesco que existiam no Israel deste período.
- 14) Como o Livro da Aliança cataloga três grandes festas anuais (v. Ex. 23. 14-17 e 34. 18-24), é evidente que o Israel pré-estatal dava importância a atividades sociais baseadas na hospitalidade organizada.

Podemos concluir que o Israel pré-estatal possuía a maioria das características de uma sociedade hierárquica. É notável também que este, antes de inclinar-se na direção de uma sociedade igualitária, possuía uma estratificação social bastante desenvolvida e não conseguia limitar o poder econômico dos indivíduos que ocupavam posições de alta categoria, o que indica que o Israel pré-estatal já caminhava decididamente na direção da formação do estado.

Como a estratificação constitui um ponto decisivo, seria bom explicarmos o que é e que papel teve esta na evolução política de Israel. A estratificação define-se com um sistema no qual os membros adultos de uma sociedade possuem direitos diferenciados de acesso a recursos básicos como terra, matérias-primas, irrigação e materiais de construção. Ainda está em disputa entre os antropólogos especializados na evolução política a questão de definir se a estratificação vem antes ou depois da formação do estado. Com base no que foi dito acima, porém, vê-se que, pelo menos no caso de Israel, a estratificação veio antes.

Numa sociedade hierárquica há dois modos de se bloquear o acesso a recursos básicos. Primeiro, há exclusão em virtude da concessão de direitos de usufruto a grupos ou indivíduos específicos. Segundo, há negação de acesso por causa do tamanho e complexidade da sociedade. Destes dois, o primeiro parece ser mais relevante no Israel pré-estatal. Em todo o caso, a conseqüência de direitos de usufruto serem concedidos a grupos ou indivíduos específicos é que os outros membros da sociedade ficam com o seu acesso bloqueado e devem, portanto, comprar direitos de acesso, vendendo uma porção do seu trabalho ou produto. Este fe-

nômeno chama-se exploração do trabalho. Isto é, o camponês israelita foi economicamente explorado durante o período pré-estatal e por muito tempo depois. Se em Jz 5-12 os juízes são apresentados como indivíduos possuindo um poder social, militar e econômico considerável, é que eles constituíam uma classe com livre acesso a recursos básicos, enquanto outros indivíduos, como os servos de Gideão ou o portador da armadura de Abimeleque tinham de comprar os seus direitos de acesso. Tal estratificação em Israel parece remontar pelo menos à época de Débora e até mesmo a uma época anterior, porque se pode deduzir do Cântico de Débora que a estratificação já era um fato social enraizado em Israel.

Quanto às origens da estratificação no Israel pré-estatal, estas poderiam ser muito variadas, mas a seguinte parece ser uma hipótese plausível. O Israel pré-estatal já tinha uma elite militar à época de Débora, pois o fato de os israelitas serem rodeados por vizinhos militarmente superiores valorizou as habilidades militares. A presença de tal elite no Israel pré-estatal explica-se pelo fato de que os imigrantes para Canaã no período MB-II incluíam gente com experiência como aristocratas guerreiros⁽⁸⁾. Até a época de Débora, os israelitas tinham morado isolados tanto das cidades-estado, como também dos postos avançados egípcios. De Débora em diante, porém, os israelitas tinham cada vez mais contato com as cidades-estado por causa do declínio progressivo destas últimas. Tanto assim que as atividades bélicas dos israelitas faziam-se mais frequentes, o que naturalmente realçou a importância social da elite militar israelita. Quando o exército israelita, integrado principalmente por membros da elite militar e chefiado de certo por eles, tomava posse de terras ou servos pertencentes às cidades-estado, sempre mais fracos, os líderes israelitas atuavam exatamente do mesmo modo que os demais chefes militares do antigo oriente, abocanhando a maior parte dos despojos e feudalizando os territórios capturados com a finalidade de garantirem a lealdade das camadas inferiores. Assim, cada êxito militar dos israelitas aumentava o poder social da elite militar israelita, a qual logo passou a ser constituída de grandes proprietários feudais: da mesma forma, criava cada vez mais coesão entre as várias divisões sociais israelitas, apesar das vilas israelitas serem afastadas umas das outras. Desse modo, o processo de acumulação/feudalização/coesão superou progressivamente os obstáculos representados pelo mútuo afastamento das vilas israelitas e pela intranqüilidade endêmica entre as camadas inferiores numa sociedade agrária, levando assim à formação do estado. Como os líderes militares israelitas eram poucos, enquanto que seus territó-

(8) V. Frank Frick, *The City in Ancient Israel*, Missoula: Scholars Press, 1977, p. 181-85.

rios feudalizados tornam-se cada vez mais numerosos, estes líderes não residiam neles. Sua maior fonte de lucros era claramente o tributo, que eles provavelmente tentavam manter baixo para não desmancharem a crescente coesão da população israelita, como também por não disporem de estruturas políticas adequadas à arrecadação de um tributo maior.

O leitor atento terá reconhecido que a metodologia que empregamos aqui é bem distinta da utilizada por Dreher. Primeiro, tivemos o cuidado de descrever o período inteiro dos Juízes e de explicar como, plausivelmente, este levou à próxima etapa na evolução política de Israel, antes mesmo de tentarmos interpretar os acontecimentos específicos narrados pelo Cântico de Débora. Segundo, nossa hipótese para o período dos Juízes baseia-se não só na antropologia da evolução política como também na sociologia da agricultura campesina, enquanto que Dreher fez pouco caso destas. Por fim, levamos em conta não só o Cântico de Débora, mas também muitos outros textos bíblicos datados para este período. Conforme prometido, ampliamos bastante o foco. Finalmente, estamos prontos para oferecer uma interpretação do Cântico de Débora, com o propósito de mostrarmos como os acontecimentos narrados neste cântico fazem parte da história do Israel pré-estatal e se explicam dentro do quadro de uma sociedade hierárquica/agrária.

Deve-se recordar, antes de mais nada, que as cidades-estado cananéias foram enfraquecendo a partir do século XIII, época do Cântico de Débora. Este enfraquecimento, porém, foi lento e progressivo, e não se completou até a vinda dos filisteus, no século XI. Isto é, as cidades-estado não eram mais todo-poderosas na época de Débora, mas podiam ainda fazer sentir seu poder de vez em quando, sobretudo onde seus interesses importantes estivessem em jogo. Assim, a idéia de alguns camponeses, sem comandantes nem armas, defrontarem e até derrotarem carros de combate cananeus deveria ser reconhecida como pura invenção literária. Por mais chuvoso que fosse o tempo, a sugestão é totalmente incrível. Seja como for, compreende-se facilmente porque as atividades bélicas dos israelitas começaram a partir do século XIII. Mas devemos entender também que os israelitas não foram capazes de subjugar as cidades-estado até vários séculos mais tarde, depois que os filisteus as tinham reduzido a nada. À época de Débora, o poder militar das cidades-estado ainda não havia desaparecido, mas já estava vacilando. O pressuposto do Cântico de Débora é que, aproveitando uma flutuação descendente do poder militar dos cananeus, alguns elementos israelitas, chefiados claramente por uma elite militar, tinham se atrevido fora da

região montanhosa, que era seu território natal, para apoderar-se de vários territórios e povos situados na planície. Os líderes israelitas, então, aproveitaram a ocasião para fazer-se os senhores feudais dos territórios e povos capturados. A propósito dos três modos de produção, dos quais Dreher julga que só o tributário existia no Israel pré-estatal, de fato há abundante testemunho textual da existência de todos os três modos no Israel pré-estatal. Destes três, porém, o feudal dominava, conforme Noth⁽⁹⁾. Assim, os líderes israelitas feudalizaram seus tenentes, dando-lhes terras e servos em troca da fidelidade e tributo deles. Como foi dito acima, porém, os líderes israelitas não residiam nesses territórios capturados e estavam amiúde ausentes. Na ausência deles, uns senhores feudais cananeus regressaram à cabeça de um exército e retomaram posse de seus antigos territórios, exigindo um tributo patentemente punitivo. Conseqüentemente, os israelitas feudalizados, achando-se refeudalizados e coagidos a pagar um tributo exorbitante, queixaram-se aos líderes israelitas pedindo-lhes que voltassem o quanto antes. O Cântico de Débora descreve, usando considerável liberdade literária, o que aconteceu quando os líderes israelitas entraram novamente em cena. O fato de que este cântico atribui o êxito dos israelitas a Javé não tem significado histórico nem comprova que esta batalha foi uma revolta campesina propriamente dita, pois o fim de todos os textos provenientes do período dos Juízes é enfatizar o papel de Javé nas guerras israelitas. Além do mais, não havia razão alguma para os autores desses textos de darem uma explicação mais realista, sobretudo, porque os líderes israelitas se beneficiavam de dar a glória a Javé: Quanto mais os êxitos israelitas parecem depender de Javé, tanto mais os líderes israelitas fazem-se passar por representantes divinos. Isto constitui o modo clássico de a classe dominante legitimar-se ideologicamente, não só em Israel, mas também em todo o antigo Oriente-Próximo. Assim, dever-se-ia reconhecer que não há nenhum testemunho convincente de revolta campesina, quer durante o período pré-estatal, quer mais tarde, quando os abusos sócio-econômicos se tornaram realmente tremendos.

Isto é, longe de ser literatura popular, que nem mesmo existia em Israel, e longe de se tratar de uma revolta campesina, que nunca ocorreu em Israel, o Cântico de Débora narra uma batalha na qual senhores feudais israelitas se reapoderaram de seus territórios e servos, socorrendo a seus vassalos. Ao que parece, este cântico foi escrito com propósito de legitimar ideologicamente a classe dominante israelita, como também

(9) V. Aufsätze zur biblischen Landes — und Altertumskunde, p. 161-62, n. 6.

de estimular solidariedade entre classes numa sociedade bastante estratificada. Tal sociedade, tipicamente, vivencia muito descontentamento por parte das camadas inferiores e, por isso, não causa estranheza alguma que a minoria instruída responsável pela publicação do Cântico de Débora queira, por razões de propaganda e para manter a coesão social que resultava de feudalização, glorificar também qualquer papel desempenhado pelos camponeses, pretextando que fossem eles que, sem comandantes nem mesmo armas, tivessem defrontado o poderoso exército cananeu.